

O B O N D E

(Registrado Sob o n.º. 926 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

« A RAZÃO ACABARÁ POR TER RAZÃO »

ÓRGÃO ORIENTADO E DIRIGIDO PELOS ALUNOS DA ESAV.

Diretor: Albert W. Fraisse — Redator-Chefe: Fernando A. Sampaio — Gerente: Manoel H. Campos

Ano V ————— Viçosa, 25 de Março de 1950

N.º. 88-⁸⁷

“ A TODOS ”

A. C. A. A.

Debate-se o Brasil todo em torno de um assunto de-
veras importante, como sêja a sucessão presidencial. Sur-
gem nomes que tão rápido surgiram, desapareceram nova-
mente dando lugar a outros. Por que? Não serão os partidos
capazes de levar adiante um nome, com probabilidades de
disputar o pleito? Talvez não. Pensêmos um pouco: Em 1.º
lugar, que queremos nós? Homens honestos e trabalhadores,
capazes de se manterem no posto sem macular seu nome
e fazendo algo de útil? Crêmos que sim. Óra, homens ho-
nestos os há em quantidade, porém não apareceram. Aliás
não cabe a nós, do povo, discutir, e sim votar. Não permi-
tem discussões a esse respeito e preferem fazê-las nos
confortáveis gabinetes ministeriais ou em hipotéticas mêsas
redondas. No entanto, muitos se esquecem de que quem
decidirá será este mesmo povo, que agora desprezam. Não
será tão fácil, comprar votos como até há pouco, pois es-
tamos cada vez mais concientes de nossos deveres. Bastam
as experiências de 45 e 47 para nos mostrar o quanto er-
ramos acreditando em demagogia e promessas. Poderíamos
mesmo plagiar um de nossos professores que dizia: Dêem-me
fatos e não teorias. — Sim, queremos fatos e não teorias, e
já sabemos de muitos que ficaram nas teorias e nem um só
fato foram capazes de apresentar-nos em 6 longos anos. Em
2.º lugar, queremos ideologias e não campanhas em torno
de nomes. Não queremos saber de campanhas para este ou
para aquele, mas sim em torno de suas idéias, ou melhor,
da conduta que segue. Queremos gente que trabalhe com
determinados objetivos ideológicos e filosóficos, e não em
torno de interesses de uma pequena classe privilegiada.

— Queremos saber se este ou aquele defenderá a classe
média e a operária, ou se continuará dando mãos aos que
malbaratam nossa economia, dando apóio à todos estes que
nada fazem e tudo recebem.

— Queremos um líder de classes, e não um protetor de
famílias. Já estamos com idade suficiente para lutar por
nossos direitos políticos e não continuar um joguete nas mãos
dêstes poucos que usufruem polpudos lucros à custa da
miséria alheia. Se queremos de fato um candidato, que pro-
curemos nomes capazes e cerremos fila ao redor deles, e
que não nos deixemos levar por manobras desleais. Que
apareçam candidatos e o povo escolherá livremente aquele
que deverá dirigí-lo. E lembremo-nos para não nos arre-
pendermos mais tarde, que cada povo tem os dirigentes
que merece.

Este numero, traz infeliz-
mente duas amargas críticas
a nós Esavianos, uma referen-
te à A.E.E. e a segunda refe-
rente a A. Cultural Afonso
Arinos. Esta Associação, fun-
dada e mantida durante longos
anos por colegas que nos pre-
cederam, nunca mediram sa-
crifícios em prol de uma agre-
miação que tem por finalidade
dar oportunidade a todos que
desejam aprender e treinar a
falar em público; desde o fim
do ano passado vem sofrendo
uma crise deveras lastimável,
qual seja a falta de colabora-
ção e de apoio por parte da-
queles que deveriam tudo fa-
zer para seu progresso. Es-
peramos que em 1950 acorde
em todos nós, um desejo de
trabalhar e zelar pelas nossas
agregações e que sejamos
capazes de mostrar que a atual
geração Esaviana não é de
nível cultural inferior às ou-
tras; aliás, não podemos crer
em tal, e acreditamos que seja
talvez um estado psicológico
coletivo, devido a outros fa-
tores. Temos entre nós, gente
nova e capaz, e com eles, com
a boa vontade daqueles que
sempre a ampararam e dos
demais que o farão a A.C.A.A.
será mais um exemplo do que
podemos nós Esavianos.

— Assim, já tendo iniciado
os seus trabalhos esperamos
poder continuá-los sem entra-
ves e com animos.

Calango

ESAVIANO, zéle pelas nos-
sas instituições.

«PANGOLIM.»

Desperta Grande Interesse nos Mercados Consumidores Sabedoria Antiga

Como se prepara o produto obtido pelo I. P. T.

S. Paulo, (S. N. P.) — Os laboratórios do Instituto, de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de S. Paulo, obteve, após longo período de experiências, observações e atividade prática, o extrato seco do café solúvel. Este produto está despertando enorme interesse no comércio nacional e internacional, dada as suas possibilidades de solucionar uma série de problemas inerentes a exportação da rubiacea. Atendendo à curiosidade geral, a nossa reportagem obteve do I. P. T. os seguintes dados sobre o seu preparo:

Partindo do café torrado, por processo especial, aquele Instituto conseguiu um produto integral, solúvel em água quente e que conserva as principais características do café genuíno.

A instalação especializada de que o I.P.T. dispõe para os estudos do extrato do café é uma usina piloto, do sistema de secagem por pulverização. Nos Estados Unidos é largamente usada no preparo de substâncias alimentícias, como leite em pó, ovos desidratados e sucos cítricos. Permite, a usina, a evaporação de grandes quantidades de água em períodos relativamente curtos. Ponto fundamental que orientou a pesquisa foi a exclusão absoluta de qualquer processo que não exigisse senão o pó de café com água para a obtenção do extrato.

A fabricação do extrato abrange uma série de operações, dentre as quais uma das mais importantes; da preparação da bebida a ser evaporada. E a evaporação acaso o processo usado na obtenção do extrato. Foram feitos cerca de 300 preparados diferentes, durante um período de 2 anos e meio. Os resultados conseguidos, nessa fase dos

trabalhos, foram animadores. Possibilitou-se a obtenção, partindo do café torrado, de extrato seco integral, perfeitamente solúvel em água quente e apresentando boas características organolépticas de paladar e aroma, empregando processos naturais diretos.

Fortalecendo esse resultado, um novo fator de alta significação econômica foi alcançado: o emprego dos cafés de tipo baixo na fabricação do extrato, quer se industrializando individualmente, quer em misturas com cafés de qualidades mais finas. É este fato de importância, dadas as condições da cultura cafeeira, impossibilitada, devido a diversas causas, de produzir grande porcentagem de cafés finos. O produto final da industrialização é obtido como pó fino, de cor marrom clara. Pode ser acondicionado em recipientes adequados e ao abrigo do ar e da humidade. É de duração ilimitada. Em peso, representa 1/6 do café em grão e cerca de 1/8 em volume. Seu consumo é imediato. É suficiente a simples dissolução do extrato em água quente para se obter uma bebida perfeita, com todas as garantias de pureza.

O extrato seco foi considerado pelos degustadores como uma bebida perfeitamente satisfatória. Há cerca de seis meses foram enviadas amostras do produto aos Estados Unidos. O artigo foi bem aceito e o interesse despertado surpreendeu. Companhias americanas enviaram numerosa correspondência ao I.P.T., pedindo informações e solicitando exclusividades na representação do produto e mesmo na compra total de eventuais produções anuais.

Vemos com o trecho abaixo transcrito, que embora sejamos no século xx senhores de conhecimentos grandiosos, também os antigos gregos e Romanos não ficaram atrás. O que nos diz Catão é até hoje o que há de mais correto e sábio.

Há mais de 2.000 anos, o célebre censor romano, Catão, escreveu acerca da escolha de uma propriedade:

“Tome cuidado para que você escolha bom clima, não sujeito a enchentes destruidoras, e um solo naturalmente fértil. Se possível, sua fazenda deve localizar-se junto de alguma elevação, voltada para o nascente, em posição saudável, onde o trabalho seja fácil, o gado possível, rica em águas, perto de uma cidade de bom tamanho, junto do litoral ou de rio navegável ou mesmo á margem de bem movimentada estrada. Escolha uma propriedade que não tenha passado por muitos proprietários, cujo dono não esteja muito interessado em vendê-la e cujas benfeitorias se encontrem em bom estado. Acautele-se para não ter pressa em desprezar a experiência alheia. O melhor é comprar uma propriedade de quem tenha sido bem sucedido como agricultor”.

Será ampliado o Butantã

S. Paulo, (S. N. P.) — O famoso Instituto Butantã, desta capital, que prepara sôros anti-oftídicos para todo o país, completará em fevereiro de 1951 o seu cinquentenário. Afim de que a data seja comemorada condignamente, o governador Ademar de Barros determinou a efetivação de uma série de melhoramentos naquela importante instituição científica, constando deles a construção de um Museu, um Parque Zoológico e um salão auditório com capacidade para 400 pessoas.

CALOURO

1950! Mais um ano que chegou, novas esperanças á vista. Todos os anos trazem para nós ínfimos elementos deste planeta uma série de pensamentos que vagam, até que alguns se fixem, outros desaparecem com o tempo. Assim aconteceu a muitos que estão entre nós. Vieram cheios de esperanças e de ânimo, com a boa intenção de tudo fazer para se entrozarem numa nova comunidade, a comunidade Esaviana, tão conhecida de nós outros mais antigos. Alguns viram coroados de êxito seus projetos, outros viram ruir seus castelos. Enfim, estes novos são vocês calouros de 50! São vocês que vieram buscar em nossos bancos um pouco de sabedoria. Mas estarão já ao par do que lhes espera nestes próximos anos? Sabem os sacrifícios que deverão fazer, sabem do quanto de abnegação é preciso para sem ânimo realizar aquilo que projetam? convem que meditem, convem que conheçam a E.S.A.V. no seu íntimo, no âmago de suas lutas por ideais nobres e sadios. Convem que saiba caro colega que reina dentro destas 4 colunas um espírito de luta por instituições nossas, legadas por aqueles que nos precederam e que acreditam até hoje que ninguém deixará morrer essas luzes que acenderam há já muito tempo. Colega novato, está você se integrando nesta sociedade e deve também abraçar os ideais que aqui vivem. Enfim, queremos que desperte em você esta curiosidade humana, capaz de levá-lo a conhecer tudo isto de que falamos. Seja bem-vindo amigo e que bem cedo ocupe o lugar que está reservado a todos aqueles que se dizem bons esavianos.

ÓPERAS

Antes de apresentarmos esta nossa coluna, queríamos dar algumas explicações a respeito da mesma. Como há

entre nós muitos que se interessam por este ramo da arte, queremos então publicar em cada número, um resumo de uma ópera conhecida, e cremos ainda que muitos dos nossos colegas mais novos se interessarão por sua vez com esta coluna. Assim apresentamos hoje o resumo da ópera: La Traviata, de Verdi. Este foi um compositor italiano do século passado.

LA TRAVIATA

4 atos — Estreada em Veneza 1853.

Local da ação: Paris e arredores.

Época: Meios do Sec. XIX.

Violêta, distinta cortesã parisiense, apaixonou-se por Alfredo Germont, com o qual passa a viver numa vila próxima de Paris. O pai de Alfredo tenta convencer seu filho a voltar a viver como antes, e, convencido que o amor pôde mais que sua autoridade, humilha-se e vai rogar à amada de seu filho que dê por acabadas aquelas relações que tanto prejudicam a Alfredo. Violeta convence ao ancião da sinceridade de seu amor, e sacrificando-o pelo bem do seu amado, vai-se de casa, deixando escrita uma carta frívola e cruel. Alfredo, ferido pelo desengano e pelo ciúme, ofende grave e publicamente a Violeta, quando então seu pai explica-lhe o sucedido e a grandeza do amor daquela.

Alfredo vai ver Violeta para pedir-lhe perdão. Violeta está enferma e só lhe restam algumas horas de vida. Durante estas, recordam a boa época de seu amor, e Violeta morre. Alfredo chora, o médico reza.

ÉCOS DA GRANDE EXCURSÃO

Foi sem gaguejar...

que o Baiano teoricamente declarou na Rádio Excelsior que uma vaquinha pode produzir diariamente 50 litros de leite, queijo, manteiga, caseína e outros produtos enlatados.

E o lecutor boqueaberto, continuou o programa.

De certo foi falta de Memória...

APRESENTAÇÃO

Yet, each man kills the thing he loves
OSCAR WILDE: BALLAD OF READING GAOL.

Nem tanto pelo mundo que me cerca,
mas pelo que trago comigo,
existe a imensa angústia de me sa-
(ber só).

Caminho pelas ruas, arrasto-me
em busca, talvez, do que me foi legado:
um trono de rei ou um banco de reu.

Busco-me em todas as coisas,
Encontro-me em tudo que me miro,
(toco ou sinto).

De pedaços tento me fazer,
mas a imagem se transforma em pó.

À vezes, minhas mãos crescem, ten-
(tando uma carícia).

Os afogos se tornam disciplinas,
pois, "cada um mata o que adora".

MOACYR TORRES

quando um nosso amigo preocupa-
do com o câmbio, chegou a Dele-
gacia de Porto Alegre e indaga:
O Sr. pode me informar onde fi-
ca o câmbio negro?

E o delegado encabulou-se.

Confusão... de línguas.

O Brotinho da 6a. seção em Bue-
nos Aires, resolve entrar numa
loja e pergunta num castellano
que... não é castellano: Usted
iem ciruelas? E o logista, num es-
forço supremo explica que ali não
se vendia frutas.

Mal sabia o embaixador piaui-
ense, que estava simplesmente pe-
dindo ameixas.

— E falando em línguas, as
mãs línguas aconselham. Se que-
reis hablar um bom castellano,
procure o método truncado do
prof. A. da Onça.

— Cebolas e Alhos.

Fontes fidedignas anunciam que
o Pacine viajou por via aérea em
busca de preciosas sementes. Teó-
ricamente teremos em breve o
maior trust de cebola e muitos
millionários. Mas que a cebola dá
um cheiro esquisito, isto é verdade.

— Há ainda a história de uma
fornalha, de um encanamento e
de leite, mas quem se interessar
procure um do 4º ano...

— Outra história é aquela da
plantação de joá manso mas isto
é com o Fraisse; diz ele que é
miópia! Será?

— Quanto á aquela pia que-
brada, só falando com o Tambiú!

— Outras poderiam ser con-
tadas, mas é melhor não se dizer
nada, apenas lembrar a «côr local»...
Campinas e Uruguayana... ah!
IVO...

Tristeza

Para T. C.

Que diferença, ó, Dinha,
Em teu semblante diviso:
Não tens a mesma alegria,
Não tens o mesmo sorriso.

Que palidez maguada
Vejo-te agora no rosto,
Nuvem talvez estampada,
Por um íntimo desgosto.

Eu também tenho mudado!...
Tenho sofrido, criança...
Nas sombras do meu passado,
Foi-se a dourada esperança

A existência não me alegra,
A vida toda me aborrece...
Se a minha alma inda existe
É porque o meu corpo padece.

Amei-te muito. Mas tanto
Como alguém jamais amou.
E, em teu amor puro e santo,
Minha alma se escravizou

A mão da sorte inconstante,
Entre nós se colocou,
E, de um golpe lacerante,
Nossa existência mudou.

Se, por acaso, algum dia
Chegarem perto de ti
Estes versos, minha «Dinha»
Que, soluçando, escrevi,

Guarda-os contigo, criança,
Ah! não maldigas a dôr,
A derradeira lembrança
Dêste infeliz e desgraçado Amôr.

THAGOFÁ

“CHUVARADA”

O dia amanheceu doente,
Cansado...

As núvens obessas, sujas,
Choram...

E as lágrimas preguiçosamente,
Deitam-se na rua,
Está chovendo...

As casas fechadas,
Tremem de frio.
Os telhados ressequidos,
Tossem.

Está chovendo...

As bicas pachorrentas
Cospem certeiraamente,
Nos buracos da calçada.
E os gordos pingos,

Deslizam nas catenárias,
Dos fios telefônicos.
Está chovendo...

Um hálito febril,
Escapa dos poros
Da sargeta molhada.
Pneumonia...
Mas, não há penicilina
Nas farmácias vasias.
Ainda chove...

Horas inteiras são ingeridas.
E a sinfonia aquosa
Continúa triste,
Estigmatizada nos pingos d'água,
Que marcham velozes,
Descendo a rua.

KOKAY

Motu - Perpétuo

Para M. A. L.

Para sonhar-te quedo-me extático—
as mãos ensaindo carícias,
os olhos fixos na rosa—
ouvindo o que me segreda o si-
lêncio.

Azuis os olhos, louros os cabelos,
esguia figura;

os passos leves, as mãos finas e
suaves;

da bôca rubra nascendo verme-
lhas rosas;
sôbre o desconhecido corpo uma
alva veste.

(Reflexo fiel no espelho de meu
desejo)

Para sonhar-te quedo-me extático—
as mãos ensaiando carícias,
os olhos fixos na rosa—
mirando da flor a emanada forma:
teu corpo qual delicada harpa
a gotejar uma canção para a quietude
e a tristeza que em mim conheces.

E,

quando fores realidade,
estarei contigo por breve instante.
Então, partirei

para novamente sonhar-te, que-
dando-me extático—

as mãos ensaiando novas carícias,
os olhos fixos na rosa recém-
aberta—

ouvindo o segredo novo de novo
silêncio,
a espera de nova realidade.

Moacir Torres.

ULTIMA HORA

Foi eleito para presidente da A.C.A.A. o nosso novo colega Moacyr Torres que já teve a oportunidade de demonstrar entre nós um especial interesse pelas atividades culturais da nossa ESAV.

O colega Moacyr Torres escolheu como Secretário da Associação nossa colega Mônica de Mattos.

Aos novos dirigentes de nossa agremiação os nossos sinceros votos de sucesso.

Club Operário

O Bonde recebeu uma comunicação do clube operário em que este comunica a eleição da nova diretoria do referido clube para o ano de 1950. Foi eleito presidente o Dr. Joaquim Mattoso e vice presidente o Dr. Mauricio Gomes Ribeiro.

Está pois esta agremiação esaviana de parabens e «O Bonde» deseja à mesma um ano de atividades fecundas e vitórias nos campos que visitar.

Casa do Esaviano

Colega — Conhece você o que seja a Casa do Esaviano?

Procure conhecê-la e colocar-se a par de suas finalidades, que são para seu próprio benefício.

ULTIMA

Ultimo método científico de combate à «peste de manqueira» no Mato Grosso, segundo nos jurou o calouro Boróró: Enfiar uma agulha de vitrola usada na ponta do rabo do bezerro...

A. E. E.

Nenhum de nossos núcleos necessita mais de apoio, por parte dos alunos, que a Associação Esportiva. Ela tem encontrado na Diretoria, nos Professores, nos Servidores desta casa, o máximo de boa vontade, o que no entanto não tem sentido em nós, alunos. Não sei se desde sua fundação viveu da mesma maneira que durante estes dois últimos anos, ou se de início recebeu dos estudantes da ESAV mais carinho e atenção. Sinto-me chocado por ter que levar estas palavras aos ouvidos de meus colegas. Não seria necessário, se todos pensassem sobre o exato significado desta valerosa Agremiação que tantos bens já proporcionou à nossa Escola e a nós mesmos. Os dois anos que tive oportunidade de viver como esaviano, autorizam-me a falar desta maneira. O que digo, não é uma observação minha, mas uma queixa feita por todos batalhadores do esporte na ESAV. É uma queixa de colegas nossos desamparados em horas duras de serem vividas, como as que sempre antecedem aos momentos de festas. É uma queixa dos que sacrificam horas a fio no preparo de nossa praça de esportes para recepcionarmos a altura de nossa tradição esportiva a uma delegação que nos visita. É uma queixa do punhado de rapazes que envergando nossa camisetela ali-verde em disputas esportivas para depois acrescentar em nosso rosário mais uma conta de vitória, ou sosinho, no seu íntimo, chorar o amargor de um revés. O que tenho observado é o completo desinteresse de grande parte dos alunos pela nossa causa esportiva. Uns, apenas sabem que a Escola possui um quadro de Futebol, de Basquete, de Volei e meia dúzia de esforçados atletas. Outros, comparam aos campos nos dias de disputas para olharem os quadros, e depois, cheios de autoridade, criticarem àqueles que por meses seguidos preencheram horas vagas em seus dias já cheios de trabalho, e se entregaram com o máximo de boa vontade aos rigores dos treinamentos com o único fito de elevarem mais alto ainda as nossas cores.

Esportes em Revista

Éra aguardado com bastante interesse o jogo realizado sabado último entre calouros e Veteranos. Este interesse justificava-se pela curiosidade que tínhamos em conhecer os novos atletas esavianos e re-

— Temos sido muito ingratos para com a Associação. Ela sempre e sempre nos proporciona momentos de inesquecíveis vibrações, quer trazendo ao nosso seio representações de outras Escolas ou de Clubes das cidades vizinhas, com as quais permutamos horas de alegria, quer organizando competições internas, tornando assim nossos dias de folga mais desejados.

— Si cada um de nós voltar o pensamento através dos anos já vividos na ESAV, e perguntar: «que fiz até hoje pela Associação?» certo estou que muita gente terá como resposta do seu próprio eu: «Nada». Naturalmente nem todos nós possuímos uma constituição física deste ou daquele esporte. Contudo, o que a Associação reclama não é somente nossa falta de cooperação dentro das canchas, mas também fora delas. Já este ano um exemplo doloroso se nos apresentou: O Professor Deleu, no dia de nossa já tradicional partida de futebol entre veteranos e calouros, pediu nossa ajuda, pois o campo não havia ainda sido marcado. O que se presenciou entretanto, foi o alheamento completo ao pedido de nosso Diretor Técnico, e apenas meia dúzia de esforçados compareceu ao local. Desejo ainda frizar que todos os que deram ouvidos ao apelo, minutos após haverem terminado a marcação do campo, enfrentaram novamente o sol, pois todos eram integrantes das equipes que disputaram a programada partida.

Assim não é possível. A A.E.E. não é somente para os que praticam esporte. Ela foi criada para todos, e deve ser amparada por todos. Tenhamos um pouco mais de espírito de cooperação, e em dias assim, pelo menos poupemos trabalhos aqueles que horas após irão pelear em defesa de nossas cores.

Gingibirra

ver os antigos depois de 4 meses de inatividade esportiva.

— Não se pode fazer um julgamento definitivo sobre as possibilidades dos calouros, porque talvez ressentindo falta de ambientação, muitos não produziram o que realmente podem.

— Entre os novos, o que melhor impressão deixou foi o goleiro Murubéca, que talvez venha resolver, o mais sério problema de nossa equipe principal. Dos demais, apenas Shistosoma e Bicha mostraram algumas boas qualidades.

— O jogo em si pouca coisa de interessante apresentou.

— Aos 5 minutos de jogo os calouros já venciam por 2 a 0, ameaçando a vitória dos veteranos, tida como certa, mas não passou de ameaça, pois no final do jogo a contagem era de 6 a 2 pró veteranos.

— Entre os veteranos notamos Fogoió, Biéla e Yurú em plano mais elevado.

Goleadores:

Para os calouros — Bicha e Shistosoma.

Para os veteranos — Biéla 3, Lolota, Yurú e Pau Canta (Penalte).

QUADROS:

Veteranos — Quatí, Distinto e Calumby; Tidú, (Cacharré), Fogoió e Favela; Lolota, Pau Canta, Biéla, Yurú e Expedito.

Calouros — Murubéca, Curau e Guaiaca; Pipote, Naná e Lavagem; Papangú II, Shistosoma, Pamonha, Bicha e Zulú.

Je crois invinciblement que la science et la paix triompheront de l'ignorance et de la guerre, que les peuples s'entendront non pour détruire, mais pour édifier.

Pasteur

SOCIAIS

Club de Francês

Desde o ano passado existe uma nova agremiação em Viçosa. Trata-se do Clube de Francês que tem como finalidade a prática da língua francesa e conhecer assuntos a ela ligados. Desde o princípio contou com o inesperado apoio de grande numero de Esavianos e membros da Sociedade Viçosense, o que fez aumentar as probabilidades de êxito da referida agremiação. Neste ano já iniciou com sucesso seus trabalhos, agora no Salão da Rádio Montanhês.

Estão programadas, além dos cursos de conversação, e da distribuição de revistas por empréstimo, reuniões sociais. A Cultura Francesa de Belo Horizonte deu seu pleno apoio à sua congênere facilitando todas as nossas pretensões. Por intermédio desta folha, o club de francês agradece a cooperação de todos para o bom andamento de seus trabalhos.

ANIVERSARIANTES

Fizeram anos:

Dia 4 — Dalton de Albuquerque, M-1

Dia 5 — Silvío Marques, M-3

Dia 8 — Francisco Máia, S-5 e Jose Bittencourt, M-3

Dia 10 — Mário N. Durão, S-7

Dia 11 — Bento M. Lobo, S-3

Dia 13 — José B.C. Carvalho, S-7

Dia 16 — Srta. Olivia Maria Coelho, da sociedade viçosense.

Dia 17 — Prof. Dr. Antonio Resende.

Aos aniversariantes «O Bonde» apresenta os seus mais sinceros votos de felicidades.

Vida de Estudante

Segundo um colega, é a classe mais mal remunerada do Brasil.

Vejam porque:

Sai da cama correndo para o café.

Sai do café correndo para a aula.

Sai da aula correndo para o almoço.

Sai do almoço correndo para a cama (os vagabundos).

Sai da cama correndo para a aula.

Sai da aula correndo para o esporte.

Sai do esporte correndo para o banho (se não é o sultano).

Sai do banho correndo para o jantar.

Sai do jantar correndo para o Gostosão (se não esta na pindaíba).

Sai do Gostosão correndo para o cafésinho (Fila 2 cigarros e faz uma coleta).

Sai do café correndo para o cinema.

Sai do cinema (antes do seriado) correndo para o Gostosão.

Sai do Gostosão correndo para o café.

Sai do café correndo para a cama.

Põe o despertador para as 4,30 e quasi perde o café.

NOTA — Estuda-se nas horas vagas.

“GRANDE AMOR”

O Bacuráu

No alto do páu,

Namora a flôr

Seu grande amor

“O BONDE”

DIRETORIA RESPONSÁVEL

Diretor — Albert M. Alonso

Redator Chefe — Ernani L. Hartung

Gerente — Guy P. de Freitas

ASSINATURA

Anual Cr\$ 20,00

Semestral Cr\$ 10,00

Exterior . . . mais Cr\$ 5,00

Avulso Cr\$ 0,50

Atrazado Cr\$ 0,60

REDAÇÃO

Escola Superior de Agricultura

Viçosa, Minas Gerais

Impresso na Tipografia São José

Rua Artur Bernardes

O homem máu

Joga um calhau,

Dilui-se a côr.

Morte! Clamor?

Desde esse dia.

A nostalgia,

Nele flutua.

Vive tristonho,

Vendo (num sonho),

A flôr na lua.

KOKAY

: MEU CIGARRO :

— AOS FILANTES —

Ó cigarro maldito, mais que eu tente,
Não acho meios de te abandonar;
Se acaso do bolso estás ausente,
Rebaixo-me por tí e vou filar.

Rolinho de papel, cruel serpente,
Escondes neste invólucro alvar,
O fumo, descoberta de um demente
Pouco a pouco — é teu lema — hei de matar.

Pensar que te levo por prazer;
Fizeste-me por tí apaixonado
E agora me condenas a sofrer.

E com êste brinquedinho tão sem graça,
Levas a vida e a «gaita» de um coitado
Envolvidas num rôlo de fumaça.

J E H A